

PONTES DE MIRANDA, PENSADOR E POETA

Silvio Meira

Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, conhecido no Brasil e no exterior como Pontes de Miranda, é um desses raros fenômenos de pluralidade cultural concentrada em uma única personalidade. Se pudéssemos emprestar à geometria uma figura que o representasse, diríamos ser ele uma personalidade poliédrica, com muitas faces, todas elas iluminadas pelo mesmo sol. Fugindo às leis naturais, diríamos ainda que, nessa representação, não há claro-escuro, luz e sombra, todas as facetas são igualmente luminosas. Nele convivem o jurista, o filósofo, o escritor, o poeta, o matemático, num equilíbrio permanente de forças que não se repelem, antes se concentram.

Sua fama se alastrou por toda parte como a do homem do Direito, o jurista. Premiado por Deus com uma longa e bem vivida existência, desde a juventude seu nome começou a ser pronunciado com respeito, ainda na década dos anos 20 (ele nasceu a 23 de abril de 1892), quando publicou aquele admirável *Sistema de Ciência Positiva do Direito* (1922) e o *Fontes e Evolução do Direito Civil Brasileiro* (1928), o primeiro muito gabado por Clóvis Beviláqua, em 1923, o qual, em homenagem pública a Pontes, dizia ser este um dos "fundadores do Direito Civil Brasileiro". Em conferência que pronunciamos na Academia Brasileira de Letras Jurídicas do Rio de Janeiro, intitulada *Teixeira de Freitas e Pontes de Miranda – a audácia do pensamento* –, tivemos oportunidade de salientar que esse é o maior elogio que o velho Clóvis poderia fazer a Pontes, dando-o como um dos "fundadores do Direito Civil Brasileiro". Imitou, nesse passo, o dito do jurisconsulto Pompônio, que ao dar as origens do direito romano, considerou Publius Mucius, Brutus e Manilius os "fundadores", aqueles que "fundaverunt jus civile" (D.I. II, 2, 39).

Esses dois livros citados, muito embora de conteúdo jurídico, podem ser tidos, sob certos aspectos, como obras literárias, dado o seu fino lavor estilístico, a clareza na exposição das idéias, a suavidade na composição.

Recuando no tempo, verificamos que já em 1913 ou 14, havia ele redigido uma obra literária: *A Sabedoria dos Instintos*, só divulgada em 1921, quando mereceu o prêmio da Academia Brasileira de Letras. O livro ficou por muitos anos sem publicação (de 1913 a 21), a conselho de amigos, não obstante José Veríssimo tê-lo incluído em uma nota biográfica para Enciclopédia, em 1915. Explicando o episódio, em prefácio datado de 30 de agosto de 1921, dizia Pontes: "Agrada-me ser melhor do que me crêem; e mais ainda: de me sentir capaz de queimar o livro, fosse ele o *Fausto* ou a *Divina Comédia*, ainda que entusiásticos os louvores dos íntimos". Essa afirmativa revela desde logo um caráter: a independência, a autoconfiança, o desprezo pelo julgamento nem sempre sincero de terceiros. E diz mais: "No futuro, para salvar da vaidade o mundo, será de mister a imposição do anonimato; assim, somente se publicaria o que devesse ser publicado".

A Sabedoria dos Instintos é um livro em prosa. Pensamentos. Máximas. Lembra por vezes as obras de grandes pensadores, muito embora, nas suas concepções, não se enfileire na mesma corrente filosófica nem dê aos problemas as mesmas soluções. Lembra Frederico Nietzsche. Recorda por vezes a Montaigne nos seus *Ensaíos*; nos faz pensar em Giovanni Baptista Vico de *La Nuova Scienza*; parece filosofar como Goëthe, em suas *Máximas*. Ora nos traz ao pensamento Pascal ou Amiel. E se assemelha a Shopenhauer nos *Aforismos*.

Indagaríeis a razão desta enumeração de nomes célebres, de pensadores eternos, de moralistas de todos os tempos, contraditórios às vezes, em oposição ideológica, viventes de épocas diferentes, de mentalidades díspares, de idades com características próprias.

É que o pensador se aprofunda nas coisas do mundo e delas tem uma visão panorâmica, uma visão de águia. Todos eles voam muito alto e como que se encontram em um mirante comum, libertos do tempo e do espaço.

"Há uma esquisita delícia em pensar", afirma Pontes de Miranda. E mais: "Na agitação quotidiana da vida, quando nos sentimos em imediato contacto com a realidade, ou deixamos que nos avassale a dor das impressões de há pouco, existe sempre um momento em que nos extasiamos e revivemos a vida. Sentir, reviver, pensar: é a mesma coisa". Fala então na "volúpia da vida: sentir, reviver, pensar... Parece depois que as grandes dores foram feitas para serem pensadas, nas horas felizes, quando o sono nos surpreende..."

Considera livro nobre aquele que se fecha a cada momento e foge o espírito com a idéia, à procura de trecho da vida que lhe corresponda. "Corre, revolve, encontra-o, e sorri. Os espíritos sorriem sempre que se encontram a si mesmos".

Isso foi escrito em 1913. São passados 74 anos.

Penetremos, porém, no âmago do livro.

Nele está presente a cultura romano-helênica. O helenismo, aliás, constitui uma característica dos grandes espíritos a partir da Renascença.

Helenistas foram Goëthe, Schiller, Tieck, Schlegel, Herder, Byron, Nietzsche. De nada adiantaria seguir na enumeração, tantos são os homens de pensamento, em todas as nações, cuja base cultural é romano-helênica.

Vemos nessa e em outras obras de Pontes a presença permanente da filosofia grega, da mitologia grega, da arte grega, sob todos os seus aspectos. Sua primeira parte, intitulada *Dionisos Coeterno*, lembra outro helenista alemão, Frederico Nietzsche. Por que Dionisos? a divindade que exaltava as alegrias da Vida (por alguns identificado com Baco, deus da Videira e do Vinho), não apenas os prazeres da sensualidade, mas os do espírito iluminado pela Sabedoria e pela Arte, na sua mais pura expressão. O culto a Dionisos se refletiu não apenas na religião, mas nas artes e na poesia gregas, sendo exemplo desta última as *Bacantes* de Eurípides. Escrevendo na juventude, Pontes teria por certo que exaltar Dionisos, antes de qualquer outra divindade. Dionisos Coeterno, diz ele. Dionisos e Apolo envenenados de paixão por Vênus. Júpiter transfigurado em cisne para amar.

Esta parte de seu livro está repleta de helenismo. Ora é Apolo, ora é Hércules, que invoca, ora cita Homero, ora Xenofonte, ora Eurípides. "Existe algo nos trágicos helenos que nossa consciência, demasiado afeita às visões de agora, não compreende bem, ou finge não compreender" – diz Pontes. E prossegue: "Uma das maiores vítimas é Eurípides. A cada instante caluniam-no os modernos. A interpretação de Dionisos e a dos cultos áticos não lhes escapam. Educados na liberdade democrática do pensamento, não sabem dar aos antigos o mesmo 'direito humano' que a modernidade frui. Criam a anomalia do privilégio tácito das épocas. No entanto, sem o pressuposto da solidariedade com o passado, não teriam razão de ser os próprios direitos. Incoerências, e nada mais. É sincero Eurípides; e embora preferir Ésquilo seja indício de cultura, tenho por mais nova, mais filosófica, mais nossa (entendamo-nos: dos meus contemporâneos), a religião dele. Por ele só uma personagem fala: Tirésias, e a crítica, que faz, nada mais é que artifício de austeridade. Senhor do teatro, curioso de idéias, não se satisfaz com o diálogo: dramatiza e pensa". Ainda com relação a Eurípides, conclui: "Não foi sem sérias e profundíssimas razões que ele colocou nos lábios do seu intérprete (segundo refere fragmento grego mutilado) essas grandes palavras: 'não deve o homem usar do seu espírito para argumentar contra os deuses'. E é porque não consideram e não pensam na significação filosófica desse passo que os sábios de hoje o caluniam" (p. 25).

Frederico Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia (Die Geburt der Tragödie)*, põe em realce a dualidade entre os dionisíacos e os apolíneos no desenvolvimento da Arte. E afirma: "An ihre beiden Kunstgottheiten, Apollo und Dionizus, Knüpft sich unsere Erkenntnis, dass in der griechischen Welt ein ungeheurer Gegensatz, nach Ursprung und Zielen, zwischen der Kunst des Bildners, der apolinischen, und der unbildlichen Kunst der Musik, als der des Dionisus, besteht: beide so verschiedene Triebe gehen nebeneinander her zumeist im offenen Zwiespalt miteinander und sich gegenreißig zu immer neuen kräftigeren Geburten reizend, um in ihnen den Kampf jenes Gegensatzes zu perpetuieren, den das gemeinsame Wort "Kunst" nur scheinbar überbrückt".

Quando Pontes escreve sobre o Livro e a Montanha, lembra Zaratustra. "Há livros – diz Pontes – que embora simples, são escritos em voz tão alta, que as idéias e o estilo só seriam bem compreendidos se os declamásemos". E mais adiante: "Quando encontrardes tais obras, subi os montes, embebedai-vos de visões de espaço e de infinito, e convidai a montanha a acompanhar-vos na leitura. Por melhor que tivésseis aprendido a língua das alturas, não tenteis prescindir dos seus serviços".

Escreveu Nietzsche: "Quando Zaratustra completou trinta anos, abandonou ele a sua pátria e o lago de sua pátria e subiu a montanha. Als Zarathustra dreissig Jahre war, verliess er seine Heimat und den See seiner Heimat und ging in das Gebirge. Aqui gozoujele de seu espírito e de sua solidão. Hier genoss er seines Geistes und seiner Einseimkheit und wurde dessen zehn Jahre nicht müde. E durante dez anos não se sentiu cansado.

la anunciar a vinda do super-homem: Ich lehre euch den Übermenschen. O homem é algo que deve ser ultrapassado. Der Mensch ist etwas, das überwunden werden soll.

E indagava: o que é o símio diante do Homem? Was ist der Affe für den Mensch? Ein Gelächter oder eine schmerzliche Scham. Uma gargalhada ou uma vergonha".

Zaratustra, como o Fausto, de Goëthe, buscava as montanhas para meditar. As montanhas nos dão a noção de nossa pequenez, abrem as portas do infinito às mais altas idéias, chamam o homem à sua realidade. A expressão "Super-homem" foi usada pela primeira vez por Goëthe no *Urfaust*: "Welch erbärmlich grauen Fasst *Übermenschen* dich". Pontes, pensador, também buscava a montanha, como o fazia Goëthe na juventude. Entregava-se ao acaso. Dizia: "O acaso é o nosso guia", seguindo o preceito bíblico: "Nem sempre dos valentes é a peleja... tudo é obra do acaso". "O acaso vela à nossa porta", como velho escravo. A cada instante nos beija a testa, ou nos grita aos ouvidos, em sobressalto. O acaso, para ele "é mensagem do infinito e da Eternidade ao pobre prisioneiro do Real e da Vida". Neste passo lembra o Dr. Faust no seu Gabinete de Estudos, indagando: "Ah Prisioneiro estou desta vil matéria?".

E em outro passo:

Quem me dera voar para as montanhas,
 Como a luz que tu expeles pura das entranhas,
 com espíritos pairar em doces altitudes;
 dos páramos sentir tantas novas virtudes,
 liberto da ciência, essa pesada cruz,
 nos teus vastos domínios me banhar de luz!

Escrevia Pontes: "Já não é mais suficiente saber para ser sábio". E depois: "Se é verdade o progresso, não se concebe a hipótese de crescermos sempre sem voltarmos à Grécia". E referindo-se ao gênio: "Como no rochedo é o gênio: torrão de argila, agora: argamassa de cal, mais tarde; quando séculos e séculos passarem – toda a história do mar talhada em pedra".

"Entreolham-se a cada instante o mundo e o artista", escreve ele. Lembra o Nietzsche de *Humano, muito humano*. Tem algo de Schopenhauer, influenciador de Nietzsche.

Seu pensamento sobrevoava espaços ilimitados, exalta a coragem e a beleza, a força interior e a sabedoria e aconselha: “Sêde fortes e virá até vós a Sabedoria. Ela é mulher e as virtudes viris a dominam e seduzem”.

“O homem forte é o que vive a vida, palmilhando todas as montanhas, examinando todos os atalhos e avançando, indiferente, por entre as arcadas, para não ser prostituído pelo olhar do público...” “E quando se atinge o cimo da montanha da cultura, onde é possível toda a serenidade criadora, mais espumas do próprio sangue são as idéias do que simples sensações associadas e coerentes” (p. 16).

Diz ainda: “Somos mais escravos de nós do que das coisas. A nossa jaula somos nós mesmos”. Lembra ainda Frederico Nietzsche quando escreve: “Vivemos entre o abismo do que acaba e o abismo do que vai ser; atrás o passado, adiante o futuro; e a nossos pés, o enigma devorador da hora que passa”. Nietzsche escreveu que o homem é como uma ponte sobre o abismo e não um fim: “Was gross ist am Menschen, das ist, dass er eine Brücke und kein Zweck ist (*Also sprach Zarathustra*, I).

O pensamento de Pontes divaga pelas alturas emitindo conceitos filosóficos sobre a Verdade e o Poder, os Livros e a Unidade, a Nudez e o Pensamento, o Futuro, as Doutrinas. As doutrinas, diz ele, morrem. Todas. “São seres vivos e passam a existência obedientes a condição primária, íntima, inflexível: multiplicarem-se ou desaparecerem”. As Temeridades, a Simplicidade e a Síntese, a Vanidade, o Utilitarismo, Deus.

E temerário negar a Deus, diz Pontes. Problema fundamental, continua insolúvel. É o *Leitmotiv* da vontade de pensar e a razão coeterna para as máximas elevações e as mais grandiosas conquistas da Arte e da Idéia. Na versão alemã dessa obra *Die Weisheit der Instinkte*, foi suprimido o mais belo trecho final desse pensamento: “De minha parte não posso não crer: é impertinente a freqüência com que O vejo em meus caminhos” (p. 29).

Filósofa sobre os sábios e a ciência, o julgamento das verdades, as teorias da seleção social, a Fatalidade e a Crença. E sugere: “Ao Eclesiastes faltou este versículo: Todos os vencedores que não sorriem serão derrotados”.

Considera a Música a reminiscência mais divina do espírito humano. “Não há indivíduo capaz de descrever dos deuses ao escutar trecho que lhe vem em harmonias só possíveis às coisas eternas. A fórmula mais perfeita do retorno à Natureza não poderia ser senão esta: o retorno à Música”.

Não há beleza humana comparável à fúria dos violinos; e se algo existe de elemental, de dinâmico, de eterno, no universo, é a Música. Representa, antes de tudo, uma sugestão EXPRESSÍVEL do Infinito. Goethe via aspectos “demoníacos” na Música e em certos músicos, citando Paganini (*Gesprache mit Goethe*).

Deixa-se arrebatado pela música e escreve pensamentos ou poemas aos grandes compositores. “Ainda está por vir a grande música. Os estilos existentes não satisfazem. O gênio de Bach não basta. Nem o de Wagner. É a música-povo – o mundo através do turbilhão moderno; ao passo que o ideal supremo seria a música-universo – as harmonias de *todas* as coisas através de *tudo*. Nem Beethoven a realizou. Foi, contudo, a arte dele a mais alta inicia-

ção no grande mistério. E ninguém mais poderá tender para a alma futura sem partir de Beethoven, a mais considerável criação da música elemental, sobre-humana". Interpreta Haydn, Mozart, Beethoven, que chama *Messias de Dionisos*.

Encerra a primeira parte do *Sabedoria dos Instintos* com o pensamento n. 50: *Estrada Grega*, a maior maneira de ser grande, "viver tragédias, lutas, amores, glórias, paixões, desgraças... e falar em versículos, como os deuses" (p. 37).

Em *Aforismos Esparsos* (a 2ª parte), 100 aforismos sobre os mais variados assuntos. Ele mesmo define o aforismo: "... é a forma de pensar corajosa e superior, porque sintetiza; corajosa, porque se sente, capaz de viver sem companhias. Raríssimos são os pensamentos que resistem à prova deputadora da soledade; e os aforismos são como certos espíritos que mesmo em companhia estão sempre só".

Vede que belo aforismo, síntese que bem expressa uma personalidade forte. Lembra o Tell, de Schiller, quando diz que "Der Starke ist am maechtigsten allein". "Sofrer não significa desviver, mas, pelo contrário, conhecer e sentir a vida. Devemo-nos, como homens fortes, o próprio sofrimento. É sofrendo que somos mais nós mesmos, máxima quando ninguém sofre conosco".

Que afinidades, ou semelhanças, podem existir entre os escritores e os músicos? Diz Pontes: "Entre os escritores e os homens que pensam, há uns que nos lembram Schubert e Berlioz, e os descritivos, outros que têm alma sinfônica, como Bach, Beethoven e Wagner. Ao redor deles estão 'ateus da idéia' como os antigos músicos falavam dos 'ateus da expressão'. As grandes idéias espontâneas exprimem-se em palavras, como poderiam expressar-se em ritmos ou em cores. Os pensadores de escol são antes de tudo grandes músicos - o espírito deles ondula e estremece em 'allegrettos' e 'scherzos' ou irrompe, profundo, nos 'ariosos dolentes' de uma sonata de Beethoven. Mas são sempre músicos: apenas não precisam de órgãos, nem de pianos; têm violinos e harpas dentro da alma" (p. 43).

Que dizer dos leitores? Os que escrevem livros querem vê-los difundidos, procurados, lidos pelo maior número. É o que almeja o homem comum. Diz Pontes: "Feliz o autor que encontra três leitores sábios. Os bons livros são aqueles em que se nos depara um pouco para todos, ao passo que o livro forte é o em que cada um se encontra a si mesmo. Espiritualmente cinco mil leitores para nós outros nada valem. É grave prejuízo para o escritor que cerca de cinco mil medíocres se encontrem nele".

Nada que é humano lhe é estranho. No aforismo nº 45 assim se expressa: "Sempre incoerentes, os homens; vivem a exigir da mulher o que não se exigem a si mesmos - fidelidade. Uma de duas: ou julgam as mulheres superiores a eles, pois que as consideram capazes de algo além do homem; ou têm por virtude inferior a fidelidade. Em todo o caso, ninguém os compreende".

Referindo-se a flores: "Há flores cujo perfume não tem a mesma cor ou a mesma melodia que as pétalas. Há flores vermelhas, cujo perfume seria azul, se os perfumes tivessem cor". Na versão alemã esse aforismo tornou-se

mais belo. "Es gibt Blumen, deren Wohlgeruch nicht die gleiche Farbe oder die gleiche Melodie aufweist, Wie sie die Blumenblätter besitzen. Es gibt roteur Blumen, deren Wohlgeruch bläulich erscheinen würde, wenn Wohlgerüche überhaupt eine Farbe aufweisen koemten".

A 3ª parte do *A Sabedoria dos Instintos* se intitula "Palavras sempre sinceras" e se desdobra em novos pensamentos, de fundo filosófico e político. Em 100 escolhemos um:

4. Prova do Espelho

"De quando em quando é prudente examinar se os países estão dispostos à luta pela independência; se levam até o sacrifício a vaidade de viverem sós. Espécie de experiência vital: o exercício do suicídio. Talvez seja a guerra o único recurso para tal verificação. É como a prova do espelho na boca dos moribundos; se não embaça o vidro, não respira; se não respira, não vive".

A 4ª parte dessa obra se intitula *Amor das Vozes Esquivas*.

Mais uma vez se revela o helenismo de Pontes de Miranda em *Apolos e Dionisos*. "O culto de Dionisos – diz ele – tem tido várias interpretações. Uns o julgam uma sorte de *flirtage avec le divin*, outros o limitam à absoluta vontade de criar. Todavia, em sua significação histórica e integral, o culto dionisíaco não é metafísico, nem estético, mas passional. É o melhor testemunho é Eurípidés. Não se trata da felicidade pela inteligência, ou pelo belo, mas da sabedoria imperceptível e eterna dos instintos. Talvez o fulgor da nossa inteligência, quando chegamos à consciência histórica, pós-humana, da liberdade criadora dos nossos sentidos, e do nosso espírito".

A 5ª parte dessa obra se intitula *Epilogos*. São mais de 11 pensamentos, em torno do destino, do acaso, da Vida, do amor de viver. A Vida é a sua constante preocupação.

E a morte, que pensa da morte? Uma ilusão, apenas. Diz ele: "Tudo é paz no tumulto constante do universo. Tudo acaba como começa; sem fazer falta, sem se extinguir... Há uma profunda harmonia no mundo, um laço ideal que prende tudo, uma cor intensa e elemental que unifica todo o mundo através de todas as cores. O que passa, o que se desfaz, é revérbero da coisa e não a coisa. *Transierunt omnia illa tanquam umbra* diz o capítulo V da *Sabedoria*. O que finge morrer vai servir de liame à ordem futura. Tudo é recíproco: tudo se enlaça e se segreda, como nas selvas. Os povos vivem de ações, as culturas vivem de idéias... Uma e outras se completam. Tudo se associa por uma enorme ilusão que vive à toa: todos crêem que a sua sabedoria é a Sabedoria, que o seu amor é o Amor, que a sua felicidade é a Felicidade, e até mesmo que a sua morte é a Morte".

II – Outro livro em prosa de Pontes de Miranda, *A Sabedoria da Inteligência*, conserva a mesma altitude. Completa o duplo tema, que o primeiro apenas ferira. É fruto de meditações anteriores a 1915. "Os livros de idéias – diz Pontes – surgem como as flores – quando têm de vir. Somos menos juízes da feitura deles, que dos jasmims e das papoulas. Obra resolvida é flor artificial. Livros espontâneos, que abotoam na alma, como as rosas, não de ter a frescura das pétalas: são flores do jardim do Sábio". No primeiro livro – A

Sabedoria dos Instintos – diz Pontes “havia algo que medeava entre a Dança e a Metafísica, como em toda a poesia dos fatos e da vida. Por isso nele evocamos o dizer de Novalis, no *Heinrich von Ofterdingen*, à pag. 6: “Sonst tanzte ich gern; jetzt denke ich lieber nach der Musika”. Era, aquele primeiro livro, um misto de Poesia e Verdade, expressão que faz lembrar as Memórias de Goethe (*Dichtung und Wahrheit*)., Neste segundo livro o “conhecer vem ao lado do sentimento”. Eis aí: poesia dos fatos e da vida. Diz mais: “Entre o mundo da interpretação intuitiva o da intuitivo-cognitiva e o da ciência total ou interpretação puramente cognitiva, ter-se-á de percorrer a escala infinita dos estados intermédios”. E explica: “Em vez de livro de arte ou de metafísica – um pouco de filosofia e de encorajamento”.

O *A Sabedoria da Inteligência* se desdobra em 4 partes: I – “Conhecer”; II – “Dirigir-se”; III – “Amar”; IV – “Conhecer, Dirigir-se e Amar”.

É muito difícil sintetizar, em poucas palavras, o mundo de idéias que surge da leitura desses textos curtos, impregnados de filosofia e de sabedoria. Viver de olhos abertos para a Vida: sondar-lhe os mistérios, ver-lhe o que é fácil ver e o que os outros não vêem; senti-la palpitar, sob os nossos dedos, sob os raios do nosso olhar, sob os sutis escafandros dos nossos sentidos. Lendo Pontes aprendemos uma lição de Vida, de vivência, de convivência com as coisas do mundo.

Procura ver o quase invisível. É na verdade extraordinário que em 1922 Pontes escrevesse: “As leis do núcleo dos átomos, que algum dia se descobrirão, correspondem as nossas leis históricas e sociais, leis estatísticas, como todas as outras, nas quais, sem lhes contradizer o determinismo, pode exercer-se e de fato se exerce a Liberdade dos indivíduos”. Somente lendo, vagarosamente, os pensamentos constantes desse livro, se poderá acompanhar, em toda a sua profundidade, a concepção filosófica que Pontes faz do Universo. “O espírito é outro espaço, diz ele; porém nenhum dos espaços é *causa* do que ele contém: a relação é a mesma entre o espelho e o que se aloja nele. Os objetos não se encontram na consciência. A situação dela é análoga à da arumação de coisas semelhantes, ora mais complicadas, na superfície dos espelhos. O grande salão é o mundo; os outros salões que vemos nos cristais das paredes são o mundo da imaginação humana, em que se dramatizam as próprias abstrações” (p. 153).

Outro livro: *O Sábio e o Artista*.

Trinta e seis pensamentos completam a série de escritos desse gênero, todos com a mesma altitude. “Entre o Sábio e o Universo trava-se o diálogo silente. Ele e o outro. Para quem quer conhecer, são as coisas como as mulheres que resistem. O descobridor é dom Juan. Sim; mas Dom Juan que se exclui. Dom Juan que se dissimula. Sacrifica o silêncio, a solidão, a divindidade veladas. E espera que lhe falem. Aguarda, paciente, a Graça. Virá? [Talvez não venha nunca. Que importa? Escuta, escuta sempre. Põe a trabalhar as tuas máquinas, enfileira os teus fatos, dispõe as tuas retortas, recompõe as tuas fórmulas. E continua a escutar. Espera sempre. Interroga o silêncio. Ouve, sem responder. Estás a ouvir? Agora, enfim, sabes. Agora, enfim, podes falar. E deixa que as tuas palavras sejam fecundas e leves. Para que vaidade?

Para que o orgulho inútil? Para que a fatuidade dos aplausos, se tu sabes que o teu discurso é a voz de Outro, a voz das coisas, que fala em ti?" Prossegue com o capítulo II, Diálogo do Livro e do Desenho: "Naquele dia luminoso e terno, e de ar esgarçado, quase em poeira, em cinza tênue, o Acaso, de mãos esguias e róseas, cuidadosamente juntou, no peitoril da janela, o livro do Físico e o Desenho... Naquele dia luminoso começou o diálogo do Livro e do Desenho. O livro, a idéia, o Outro mundo, quiçá mais lógico; o desenho, cujo mundo é representado pelas árvores, o céu azul, as flores do jardim, a janela". Há muita suavidade de pensamento, muita delicadeza de conceitos (uma das características de sua poesia), uma estranha filosofia que se impregna nas palavras bem aplicadas, uma visão do mundo diferente. Não há lugares comuns. Nem a exploração de temas velhos e cansados, como se observa em tantos escritores e poetas de todos os tempos.

Até agora só falei a respeito da prosa, nada disse sobre a Poesia de Pontes de Miranda, a parte colorida de sua obra literária, em que a mesma filosofia se faz presente, repleta de argúcia mental e de ternura humana.

A muitos talvez surpreenda o escolhermos, para homenagear o grande homem, a sua obra literária, materialmente pequena em face da imensa obra do jurista, representada por algumas centenas de volumes. É que, para compreender o jurista, é preciso ler o escritor, entender o poeta. Duas grandes forças comandavam o seu destino: a Intuição e a Inteligência. Daí o título de suas obras examinadas: *A Sabedoria dos Instintos* e *A Sabedoria da Inteligência*.

Pontes era um intuitivo, um homem cujo inconsciente, mais do que no comum dos mortais, comandava os seus passos. Talvez por intuição natural, deixava-se levar pelas forças do inconsciente que a antiga psicologia chamava subconsciente. Neste ponto era um verdadeiro explorador da Psicanálise e, cremos, um precursor da Parapsicologia. Contemporâneo de Freud, de Jung e de Pavlov, Pontes, na sua poesia, se revela um perscrutador da alma humana, naquilo que ela tem de mais recôndito. Quereis um exemplo?

No poema "Prospecção" lembra um analista a sondar a alma humana:

Tu já olhaste para dentro de Ti mesmo?
 Já despiste Teu espírito?
 Já o viste nu?
 Se não ousaste, vai e vê.
 Desce
 bem dentro,
 vai ao fundo sem fundos do abismo.
 Desce,
 mais,
 desce,
 Ali, lá dentro, bem dentro, vê,
 vê fixo, e não a esmo.
 Lá dentro, ali, no abismo,
 estás Tu,
 Tu!

Ali,
 bem ali...
 (Mas que é que nós vemos, que Tu vês?)
 Pára! Pára! Não deves insistir! Pára, ali...
 Ali... é o abismo além do abismo.
 O outro abismo,
 o depois do depois,
 o abismo dois...
 Pára! Pára!
 O Tu, o desgrenhado,
 o nu.
 Foge de Til

Creio que Pontes deveria ter explorado mais o tema, fazendo o ser humano, nessa viagem para dentro de si mesmo, encontrar paixões, luzes e sombras, fatos vividos e esquecidos, que repousam no recôndito da alma, como barcos naufragados no fundo do mar. É o que faz a "regressão" parapsicológica.

No livro *Suite des Musiciens* há uma série de poemas em louvor da música, dos músicos. Musique du Nil, Musique chinoise. Musique hindoue. Musique grecque. Bach, Haendel, Mozart, Beethoven, Schubert, Chopin, Schumann, Liszt, Brahms, Cesar Franck, Debussy, Tschaicowski, Grieg, Moussorgsky, poemas em português, francês, inglês e alemão. Os mesmos. Vertidos para outras línguas. Todo o livro *Poemes et Chansons*, em francês, editado em Mônaco, é de uma beleza incomparável. *O Epikure der we Welt*, editado em Munchen, engloba a *Sabedoria dos Instintos*, a *Sabedoria da Inteligência* e outros poemas.

Seguem-se pequenas poesias. Já tive oportunidade de referir a delicadeza da poesia de Pontes de Miranda. Ele não canta o mundo exterior. Não segue os padrões da poesia tradicional, desde os românticos, os paranasianos, os naturalistas, os simbolistas. Nada tem de piegas. Não chora as dores do mundo. Observo que os poetas europeus cantam muito a natureza. O Verão, o inverno, a primavera, o outono estão repetidamente, monotonamente, nos versos de antigos e modernos. Uma das mais belas páginas de Goëthe no *Fausto* é o ressurgir da Primavera. Heine cantava os rochedos do Reno com sua Loreley. "O ar está suave, aos poucos escurece / Calmo desliza o Reno." Rilke cantava o fim do outubro (Herbsttag) e o começo do inverno, "enquanto as folhas caem"; Hoffmansthal as crianças que nascem com os olhos fundos. Foi preciso uma guerra como nunca houvera outra igual para que os poetas encontrassem novas temáticas, suas sensibilidades abaladas pelas explosões das bombas, seres humanos correndo pelas ruas como tochas acesas. A Alemanha invadida e destruída, a França invadida e destruída, Londres semi-destruída, a Rússia, um misto de gelo e fogo, a África incendiada, a Itália devassada. Foi necessária uma grande guerra para que a poesia tomasse novos rumos com um Karl Krolow, nascido em 1915, a cantar, em *Die Zeit Verändert Sich*:

Não há mais ninguém,
 que os símbolos da ternura
 pinte em cores azuis
 As ternuras das crianças dos cabelos encaracolados
 e dos chapélinhos de palha estão esquecidas.
 As crianças, que os cansados pássaros/
 cantadores do parque
 acolhiam em seus ombros
 cresceram.
 O tempo mudou.

Que um Jokostra, nascido em 1912 dissesse: "Adormecer, como as asas apavorantes do tempo", em *Sich Niederliegen*.

Que um Günther Eich, à falta de paisagens, ou cansado delas, se debruçasse sobre a fotografia: "Lembro-me vagamente/ da data, hora e ano,/ Reais são apenas/ os dias/ em que não há mais ninguém".

Que uma Ingeborg Bachman, nascida em 1926, cantasse: "Cai, oh coração, da árvore do tempo" (Fallab, Herz). Ou então, em *Alle Tage*, diante do conflito formidável: "Não se declara mais a guerra/ no entanto ela prossegue". Que um Peter Gan, vindo de outro século, mas testemunha dos dois conflitos mundiais, escrevesse aquele sofrido e fatalista poema *Ich Bin in Gottes Hand*, estou nas mãos de Deus "em nenhum carrossel, se viaja tão intranquilo e se vai tão veloz".

Que um Rainer Branbach, nascido em 1917, escrevesse: "Ninguém surgiu através desse campo,/ apenas nuvens negras, vento!" Que um Helmut Mader, nascido em 1892, em *Parole An Die Bewohner Grosser Staedte*, dissesse: "Corta as últimas árvores/ e fecha os parques com seus chafarizes. Em frente ao campo aberto/ levanta um muro... Esse é o encontro estéril/ entre o Homem e Deus". Que um Paul Celan, suicida, nascido em 1920, escrevesse o seu *Todesfuge*, "O leite negro da madrugada bebemos ao anoitecer, bebemos ao meio-dia e pela manhã bebemos à noite, bebemos e bebemos./ Cavamos uma sepultura nos ares onde há repouso sem angústia".

A morte é dona da Alemanha, seu olho é azul...
 Ele brinca com serpentes e sonha, a morte é dona Alemanha,
 teus cabelos dourados Margarida,
 teus cabelos cinzentos Sulamita.

De um Bertolt Brecht, nascido no fim do século (1898), mas participe das duas grandes conflagrações: "Eu Bertolt Brecht, sou das florestas negras/ Minha mãe arrancou-me de lá para as cidades/ quando ainda em seu ventre. E o frio das florestas / se entranhou no meu ser até a hora da minha morte" (Ballade vom armen BB).

Ou em Albert Arnold Schöll, nascido em 1926, em *Einiges Ist Nochzu Regeln - Alguma Coisa Falta Ainda a Ajustar*, "antes que o sol mergulhe no horizonte".

A poesia de Pontes de Miranda não canta a natureza, nem os sentimentos vulgares, mas canta o mundo, as Coisas, atravessa os séculos e se abebera nas fontes gregas. É eterna, porque não se filia a escolas. É intimista,

subjetiva, científica, filosófica, humana e sobre-humana, nunca perde a atualidade. Parece sondar os tempos, os séculos. Ele foi um homem de três séculos: o XIX, em que nasceu, o XX, em que produziu obra imensa, o XXI, em que a sua obra, como sementeira, germinará e frutificará. Não temos dúvida alguma nessa projeção para o futuro.

Foi um poeta psicólogo, investigador do intimismo das coisas. Terno, sem ser lírico, a delicadeza de seus sentimentos está presente em tudo o que escreve. Não há brutalidade, nem agressão. Há sempre raciocínio, sensibilidade, observação, acuidade:

RONDA

O meu desejo ronda o teu desejo,

O meu desejo toca o teu desejo.

Fere-o.

Eu busco, dentro de ti, o que em mim profundamente sinto.

Eu toco, dentro de ti, o que eu não sinto.

Topo o sensível concreto, envolvente, como se topasse,

como se o meu desejo topasse

o teu mistério.

(Sons e movimentos, lentos, que se repetem,

o meu desejo e o teu desejo que se repetem)

O adágio das minhas sensações,

a surdina das tuas sensações.

O claro-escuro, a sinfonia,

a sinfonia, o claro-escuro,

a claridade irreal, o real obscuro,

o dolente, arioso, o "piu lento",

o parar de todo o movimento,

a sinfonia,

a agonia,

a iterante ambição, o meu mistério

contra o teu mistério,

o que eu toco e o que tu sentes,

o pendulante e o rodar do nosso mistério, |

o milagre do fúlgido intermitente,

o mistério claro, nítido, incandescente,

sob o fogo fundente,

simultâneo,

não simultâneo,

das nossas sensações.

(Como se o meu desejo

se deslocasse, de súbito, do teu desejo,

e se expandisse, com o teu desejo,

para o muito longe, diluído, do nosso desejo).

Pontes de Miranda, como poeta, ocupa um lugar especial na literatura brasileira. Não se filia a escolas, característica de sua independência absoluta. Não se preocupa com os aplausos das gentes. Seria capaz de rasgar uma obra-prima. Diz ele. Prega até a publicação anônima dos livros, a fim de salvar o mundo da vaidade. Ocupa um lugar à parte, mais à parte do que o de Augusto dos Anjos, que chorava cientificamente as suas mágoas.

Sua imagem espiritual não cabe na escala comum. Era gênio, sem dúvida. Max Nordau, na sua obra *Genie et Talent*, faz distinção entre as duas categorias e escreve: "Le génie, dont je crois reconnaitre la qualité assentielle dans le ponvoir d'élaborer à sa façon propre les aperceptions du monde extérieur, a consequement pour prémisse un developpement organique supérieur; le clavier de son esprit possède en quelquer sorte une octave de plus" (p. 55).

A escala mental de Pontes de Miranda possuía, sem dúvida, uma oitava a mais. Daí a sua percepção especial do mundo, a sua filosofia, a sua capacidade de captação, a sua vocação para a Grécia, para o culto a Dionisos, *Der Ewige Dionisos*.

Sua característica essencial era a ânsia de saber. Sob tal aspecto, revela-se um espírito fáustico. Ele mesmo o confessa, no seu poema bilíngue *Du-ple* (Double):

Eu tenho a ânsia obsidional de conhecer.
 Fausto sou eu.
 Eu convido a minha alma ao Bem e ao Mal.
 Eu verto o sangue,
 assino,
 e guardo, eu mesmo, o meu funesto
 pergaminho simbólico.
 Mefistófeles sou eu,
 Em torno de mim mesmo
 bailo,
 ora Fausto,
 ora Mefisto,
 e, rodando,
 rodopiando,
 fundo os dois
 no meu Eu.

O Dr. Fausto encarnava a ânsia de saber, de estudar, de desvendar os segredos do mundo. Mefistófeles era a tentação dos prazeres da vida, a juventude prometida, a tentação do demônio. Fausto e Mefisto num só, com o culto grego de Dionisos, é algo que revela a ebulição de uma alma em face da Vida e do Mundo.

* * *